

num piquenique libertário em Niterói, conheceu aquela que foi sua companheira de toda a vida, a professora Esther de Oliveira Redes (1921-2013). O esforço principal desta primeira fase de sua vida, junto a outros militantes, passou a ser o de reinserir o anarquismo nos espaços sociais e articular-se politicamente numa organização específica. Passaram a organizar, junto a militantes de São Paulo e Rio Grande do Sul, iniciativas sindicais (*Movimento de Orientação Sindical*), comunitárias e atividades culturais (*Centro de Cultura Social*).

Neste contexto, Ideal participou ainda da fundação do grupo *Ação Libertária*, em 1952. Mas a iniciativa dos libertários do Rio que mais prosperou diante tantas dificuldades de fundação de uma organização anarquista e de reinserção do anarquismo nas entidades de classe, foi a fundação por Ideal e mais 12 companheiros do *Centro de Estudos Professor José Oiticica* (CEPJO) a 7 de março de 1958. O CEPJO até 1969 desenvolverá intensa atividade marcada por debates, palestras, projeção de filmes, encenação de peças teatrais, cursos e outras atividades. Após o golpe de 1964, um primeiro problema com a repressão que se seguiu foi evitado, quando Ideal e Edgar Rodrigues se desfizeram nas águas da Baía de Guanabara de material comprometedor abandonado por trotskistas que sublocavam a sala onde funcionava o CEPJO, escapando por pouco à detenção. No entanto, em 1969 o Centro foi invadido e depredado por militares da Aeronáutica. Ideal foi preso em seu local de trabalho, o Hospital Central do Exército, e levado a temida Base Aérea do Galeão e, posteriormente, ao quartel da Rua Barão de Mesquita.

Antes de ser detido, teve a presença de espírito de destruir endereços que se encontravam em seu poder para não comprometer outras pessoas. Passou um mês preso e incomunicável, escutando os gritos de outros presos políticos ali torturados. Só em 1972, por decisão do Supremo Tribunal Militar, foram os integrantes do CEPJO e do *Movimento Estudantil Libertário* (MEL) absolvidos. No caso

de Ideal, este teve que responder a um inquérito em seu local de trabalho, uma vez que era funcionário do então INPS, constatando ainda que sua casa fora saqueada por elementos da repressão enquanto se encontrava preso. Depois do encerramento do processo, Ideal e Esther continuaram suas atividades num ritmo diminuído e velado, sempre em contato com os demais companheiros/as (inclusive do exterior), passando algum tempo depois a organizar reuniões em sua residência com alguns jovens que, apesar dos tempos sombrios, se interessaram em melhor conhecer o anarquismo. Era um período de resistência semi-clandestina e articulação às sombras do regime militar.

Em 1985, Ideal e Esther foram os fundadores do CEL, principal espaço público do anarquismo carioca por muitos anos. Após seu falecimento, o CEL foi rebatizado como *Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres* (CELIP). Em uma das primeiras tentativas de inserção social dos anarquistas no Rio no período pós-ditadura, filiou-se à *Associação dos Moradores do Leme* (AMALEME), tendo sido eleito seu presidente, período em que foram incrementadas relações com os moradores da comunidade vizinha do Morro do Chapéu Mangueira. Em 1991 Ideal afastou-se das atividades do CEL, deixando a cargo de militantes mais jovens, dedicando-se a viagens de divulgação do anarquismo, indo a Belém, João Pessoa, Manaus, Natal, Florianópolis e Fortaleza.

A 16 de agosto de 1995 faleceu em consequência de problemas cardíacos, agravados por uma insuficiência renal. Em seu enterro, acompanhado por antigos e (então) novos/as militantes, amigos e parentes, o corpo de Ideal foi coberto com uma bandeira anarquista. Um militante sempre em movimento, dizia Ideal Peres: “um sujeito que tem uma ética libertária sabe por que está lutando e consegue explicar os motivos ideológicos da luta; tem compromisso e autodisciplina para levar a cabo as tarefas assumidas.”

Milton Lopes e Renato Ramos

Referências

- “CEL: 10 Anos de Resistência Libera...: 4 Anos de Persistência” in *Libera*, nº 48, mai/1995;
- “Perdemos o “Nosso Velho”...Morreu Ideal Peres” in *Libera*, nº52, set/1995;
- “Feliz 1998 IDEAL” in *Libera*, nº79, dez/1997;
- “Homenagem a Ideal Peres nos 10 anos de sua Morte” in *Libera*, nº130, jul-ago/2005;
- “Faleceu Esther Redes” in *Libera*, nº162, abr-mai-jun/2014.
- RODRIGUES, Edgar (1992) *A Nova Aurora Libertária* (1945-1948), Rio de Janeiro: Ed. Achiamé;
- _____, (1993) *Entre Ditaduras* (1948-1962), Rio de Janeiro: Ed. Achiamé;
- _____, (1993) *O Ressurgir do Anarquismo* (1962-1980), Rio de Janeiro, Ed. Achiamé;
- _____, (1993) *O Anarquismo no Banco dos Réus* (1969-1972), Rio de Janeiro: VJT Editores Associados.
- SILVA, Rafael Viana da. *Elementos Inflamáveis: Organizações e Militância Anarquista no Rio de Janeiro e São Paulo* (1945-1964): Seropédica, RJ, 2014. Dissertação (Mestrado em História).

Palestra em Magé

Em 15 de julho, Sergio Mesquita, integrante do NPMC proferiu, na cidade de Magé, a palestra *A Industrialização e o Movimento Operário em Magé*. Sua exposição ocorreu durante o Curso História de Magé, promovido pela prefeitura local como parte das comemorações pelos 450 anos da cidade.

Durante sua explanação, Sérgio Mesquita aprofundou tema já abordado em texto de sua autoria publicado no *Emecê 11* (fevereiro/2009). Embora falasse a respeito da luta operária em geral, desde seu início até o final do século XX, contextualizada no processo de industrialização do município, Sergio enfatizou a atividade do movimento sindicalista revolucionário na região, especialmente nas primeiras décadas do século passado. O companheiro aproveitou a ocasião para apresentar em linhas gerais o NPMC, um pouco da FARJ e suas atividades.

Fez também convite aos participantes a entrar em contato com a Biblioteca Social Fábio Luz, na medida de seu interesse pela história do anarquismo no estado e com o CCS. Registramos o entusiasmo dos cursistas pelo tema, particularmente pelos detalhes pouco conhecidos ainda da atuação dos sindicalistas revolucionários em Magé. Isso foi demonstrado pela boa participação dos presentes ao evento, tornando a palestra um momento de debate e produção de várias reflexões.

